

## ESPAÇO E REMEMORAÇÃO NO CONTO *REENCONTRO*, DE OSMAN LINS

### SPACE AND REMEMBERING IN *REENCONTRO* TALE, BY OSMAN LINS

Lásaro José Amaral<sup>1</sup>  
Oziris Borges Filho<sup>2</sup>

**Resumo:** O conto *Reencontro* do escritor Osman Lins apresenta diferentes espaços ao longo da narrativa. Tal categoria tem fundamental importância no texto, de forma que, a partir do momento em que o narrador e Zilda se encontram em um vagão de trem, o lugar mostra-se como elemento essencial para o desenvolvimento dos fatos. Portanto, o presente trabalho tem por objetivo analisar o espaço e as histórias revividas pelas personagens durante uma curta viagem. Para fundamentar esta pesquisa, fez-se necessário dialogar com estudos realizados por teóricos da área da toponímia, como Borges Filho (2007), e corroborando a análise e interpretação da ligação entre as memórias e os espaços, também são citados Tuan (1980), Candau (2014), Hall (2005), entre outros. O objetivo é verificar a configuração espacial do conto, bem como a forma com que essas personagens lembram-se dos espaços onde protagonizaram momentos da infância e juventude. Tendo isso em vista, além da configuração do espaço, serão analisadas suas funções, bem como será demonstrado o modo como este se liga com a percepção dos sentidos no conto de Osman Lins.

**Palavras-chave:** Espaço; Memória; Conto; Toponímia.

**Abstract:** The tale *Reencontro* of the writer Osman Lins presents different spaces throughout the narrative. Such a category has fundamental importance in the text, so that from the moment the narrator and Zilda are in a train car, the place is shown as an essential element for the development of the facts. Therefore, the present work aims to analyze the space and the stories revived by the characters during a short trip. This work is based on Borges Filho's theory of Toponymy (2007). Corroborating the analysis and interpretation of the connection between memories and spaces, the theories of Hall (2005), Tuan (1980), Candau (2014), among others, are also used. The objective is to verify the spatial configuration of the story, as well as the way in which these characters remember the spaces where they carried out moments of childhood and youth. With this in view, besides the configuration of the space, its functions will be analyzed, as well as the way in which it is connected with the perception of the senses in the story by Osman Lins.

**Keywords:** Space; Memory; Tale; Toponymy.

## INTRODUÇÃO

O conto *Reencontro* do escritor Osman Lins apresenta uma pluralidade de espaços ao longo da narrativa. Desse modo, o objetivo deste trabalho é verificar como se dá a configuração espacial do conto, também a forma como as memórias das personagens

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Linguagem da Universidade Federal de Goiás/ Regional Catalão. Professor de Língua e Comunicação da Faculdade Cidade de Coromandel. Professor de L.E.M. Inglês da E. E. Alírio Herval. Professor de L.E.M. Inglês da E. E. Pedro Álvares Cabral. Contato: [professornetinho@hotmail.com](mailto:professornetinho@hotmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Estudos literários. Professor do Programa de Mestrado em Estudos da Linguagem da UFG/Câmpus de Catalão. Professor de Teoria da Literatura da UFTM. Bolsista PET. Contato: [oziris@oziris.pro.br](mailto:oziris@oziris.pro.br)

ressoam nas características dos espaços, dos lugares onde protagonizaram momentos da infância e juventude, bem como dos que são apresentados já na fase adulta.

Tal categoria tem fundamental importância no texto, pois representa a experiência vivida, de modo que, logo após o narrador e Zilda se encontrarem em um vagão de trem, o lugar torna-se substancial para a efetivação e desenvolvimento dos fatos. Isso fica claro quando, de dentro do vagão, o narrador observa a paisagem à medida que a condução começa a se locomover, conforme mostra o excerto: “as casas principiavam a mover-se. Faces de ar curioso e abismado desfilavam com velocidade crescente pela janela – e desaparecem: ficam para trás, com sua estação, sua tranquila cidade e seus sonhos. (LINS, 2003, p. 39)”.

### **Percurso, Memória e Espaço**

Com a partida da locomotiva, ficam para trás também os sonhos do narrador em ainda encontrar solteira a pessoa amada na infância e reaver, com ela, lembranças e amores do passado.

O texto é narrado em primeira pessoa; portanto, temos um narrador autodiegético<sup>3</sup>, que ocorre quando a narrativa é contada em primeira pessoa, então, além de contar a história, ele faz parte dela. Este é, conforme lembra Carlos Reis no *Dicionário de Narratologia*, “a entidade responsável por uma situação ou atitude narrativa específica: aquela em que o narrador da história relata as suas próprias experiências como personagem central da história”. (REIS, 1980, P. 251). Apesar de se tratar de fatos que residem nas reminiscências, e de serem muito jovens quando das brincadeiras e momentos na infância, o narrador ainda se lembra como era imprescindível revê-la dia após dia.

Por um inexplicável pudor, abster-me de revelar que, até então, contara com a possibilidade de reencontrá-la solteira, ideia essa mesclada com uma infinidade de anseios. (E que, deste modo, o sentido que ela atribuía à palavra *ciúme*, não era de todo modo inexato). Mas não contive o desejo de confessar que durante certo período da infância, meu primeiro pensamento era dedicado a ela e que as noites, eu só as suportava por ter certeza de que o dia seguinte nos reuniria outra vez. (LINS, 2003, p. 40, grifos do autor).

---

<sup>3</sup> Utilizamos as classificações para narrador de Genette (1979), que são: *Autodiegético* (aquele em que o narrador se funde com o papel do personagem principal); *Homodiegético* (narrador que participa da história que narra como personagem, mas não é protagonista) e *Heterodiegético* (narrador que não participa da história que narra).

O narrador atribui, no conto *Reencontro*, uma relação de dependência pela “amiga” Zilda. Ao afirmar que tolerava a noite para revê-la no dia seguinte, é possível perceber que, durante o período noturno, somado ao fato de estar distante da amiga/amada, o espaço constrangia e transformava-se, tornando-se tofóbico, não porque apresentava configurações que oprimissem a personagem, mas pela distância em que se encontrava de Zilda.

Nota-se, então, que “a ligação entre espaço e personagem pode ser de tal maneira ruim que a personagem sente mesmo asco pelo espaço. É um espaço maléfico, negativo, disfórico” (BORGES FILHO, 2007, p. 158). É importante salientar que não é necessariamente algum componente do lugar que o faz sentir asco pelo local. Pelo que se percebe, esteja onde estiver, a distância de Zilda o fará sentir ansiedade, o que tornará os espaços apertados, disfóricos e sombrios.

Mas essa sensação pode variar dependendo de quem faz o enfoque dos locais e vivencia as experiências. Antonio Candido (2002), ao referir-se ao romance, afirma que a trama se realiza através de “certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste”. (CANDIDO, 2002, p.55). Note-se, que o espaço é elemento de categórica importância na narrativa, inclusive no conto, afinal, a personagem se realiza na trama e povoa os lugares do romance, imbuindo nesse contexto os valores que os animam.

Como se nota, ao saber que Zilda está com o casamento marcado, o narrador/personagem se abala significativamente, pois esperava, por algum motivo, encontrá-la solteira.

Nunca cheguei a imaginá-la com um vestido desse – dizia-lhe há pouco. Só pensava em você trepando em árvores, jogando bola, atirando de baladeira e coisas assim. Talvez foi por isso que tive ciúme, quando soube que ia casar-se. (LINS, 2003, p. 39).

Pode-se perceber que há certo estranhamento no caminho para a escola; o narrador/personagem fica afetado porque vê a moça usar roupa diferente das que costumeiramente vestia na infância, quando brincavam nos quintais das casas ou na estrada. Porém, as lembranças e sensações de Zilda não têm o mesmo tom afetivo que as de seu interlocutor. Pode-se afirmar que, a diversificação do espaço em que o narrador e Zilda estão inseridos representa o desencontro afetivo e o impacto emocional entre os dois. Nesse ínterim, as afirmações feitas pelo narrador evidenciam o ciúme ao saber que Zilda planeja se casar. Porém, ela, sem demonstrar qualquer sentimento, responde que nem ao

menos namorados foram e que, por isso não havia razões para tal sentimento. “Ciúme?! – exclamou. Mas nem sequer fomos namorados!” (LINS, 2003, p. 39). À medida que o trem segue viagem, a conversa passa por caminhos diversos, e o destino dos amigos de infância toma rumos completamente diferentes.

O conto não apresenta claramente por quanto tempo as personagens ficaram distantes uma da outra. Mas, a partir do modo como segue a narrativa, temos a noção de que o lapso de tempo entre a separação na infância/juventude foi significativo para que houvesse mudanças na evolução dos corpos bem como na forma de agirem. Assim, as reminiscências tornam-se parte da identidade. Hall explica que nossa identidade é formada por nossa memória, sendo, portanto, uma “narrativa do eu” (HALL, 2000, p.12). Contudo, a lembrança que permanece na memória do narrador ainda é, até o (re)encontro, aquela trazida da infância, como uma junção das histórias vividas no passado que o acompanham e permanecem sendo recontadas no próprio imaginário. Esses fatos foram mantidos no pensamento e, com o passar do tempo, fizeram morada em sua vida. A partir de tal consideração, podemos afirmar que: “Através da memória o indivíduo capta e compreende continuamente o mundo, manifesta suas intenções a esse respeito, estrutura-o e coloca-o em ordem (tanto no tempo como no espaço), conferindo-lhe sentido. (CANDAUI, 2014, p. 61).

Porém, por mais que os fatos do passado deem a razão de viver, de fato, a expectativa criada em torno dessa lembrança, isto é, o sentimento valorativo sobre os momentos experienciados, é unilateral. Como podemos ler:

Não é isso – expliquei. É que possuímos tantas lembranças comuns! Além do mais, o fato de me haver separado de você e, durante tantos anos, não ter notícias suas, conservou-a imutável. Era como nos contos: um Reino Encantado. A notícia rompeu o encanto, foi isto. Você não era mais aquela menina de quem eu me lembrava. (LINS, 2003, p. 39)

Quando Zilda refere-se à palavra ciúme, o interlocutor sente-se constrangido e tenta explicar a utilização do vocábulo. Segundo ele, não o utilizou no sentido necessariamente denotativo do termo, mas sim de forma carinhosa e sentimental. Dessa maneira, notamos o quanto é enorme a diferença de tratamento dos sentimentos e, de certa forma, do mundo em que ambos viviam. Nesse caso,

A lembrança é, portanto, algo distinto do acontecimento passado: é uma imagem (*imago mundi*), mas que age sobre o acontecimento (*anima mundi*),

não integrando a duração e acrescentando o futuro passado. (CANDAU, 2014, p. 66-67, grifos do autor).

As lembranças que o narrador leva consigo não têm, ao que se percebe, a mesma intensidade daquelas que Zilda conservava. Dessa forma, o espaço que percorreram e ocuparam durante o período em que estiveram longe um do outro os transformaram significativamente. Dito de outro modo, enquanto o espaço ocupado por Zilda proporciona novas vivências e possibilidades diversas, como a de encontrar um (novo) amor e marcar o casamento, o espaço que o narrador habita não lhe promove nada diferente, principalmente no que tange à questão amorosa. Ele não encontra ou não se interessa por nenhuma outra mulher na ilusão de que, ao se reencontrar com Zilda, também se reencontraria com o passado, e que os sentimentos da moça ainda seriam aqueles existentes, pelo menos na memória do narrador, num passado longínquo. Isso se expressa quando combinaram de assistir, no cinema, um filme intitulado “Lobos do Mar”. No entanto, após se encontrarem na missa, a mãe de Zilda afirma que não deixará a moça ir assistir a “fita”. Consequentemente, como é comum para a maioria dos adolescentes, toda essa situação se transformou em uma grande contrariedade. Segundo a moça, se realmente a mãe a proibisse, mudar-se-ia para a casa do narrador, que confessa: “naquele tempo sua decisão empolgara-me. Hoje, nada parece mais irrisório: éramos vizinhos” (LINS, 2003, p. 40).

É notório que, desde o tempo da infância, mesmo lutando para serem tão próximos, a relação já era marcada por obstáculos, e, por conseguinte, não havia ali sintonia. Ele, em muitas situações, mostrava-se nervoso e com medo do que pudesse vir a acontecer, sobretudo, temia que sua integridade física fosse afetada caso perdesse de fato Zilda. Ela, no entanto, assim como se porta no vagão de trem, desde criança já tinha atitudes firmes e calculistas.

Frágil e alto muro dividia nossos quintais. Mas não era tão alto nem frágil que que nos impedisse de escalá-lo e aí ficarmos empoleirados: eu sonhando, contando histórias, declamando versos, inventando projetos; ela escutando, tornando meus planos mais ousados, minhas histórias mais excitantes, erguendo-se, sentando-se, levantando-se outra vez e seguindo ao longo do muro, com uma segurança que ainda hoje me espanta. (LINS, 2003, p. 40-41).

Percebe-se que Zilda, ao passar horas e horas conversando com seu interlocutor em cima do muro que dividia a residência de ambos, instala no íntimo deste a perspectiva

de uma possível vida a dois no futuro. É importante salientar que, o narrador afirma que a personagem tornava seus planos mais ousados, ficando evidente, apenas no íntimo dele, que formariam um casal. Há, também, uma visão idealizada e poética sobre o passado quando é mencionado que ele declamava versos para a amada. Mesmo não sendo frágil nem tão alto, nota-se que o muro divisor entre as casas apresentava-se de tal forma inoportuno entre os amigos, que precisavam escalá-lo para, lá em cima, ficarem empoleirados e juntos. Saliente-se ainda que, já nessa época, a menina Zilda mostrava-se muito segura e certa daquilo que queria. Carrega consigo, para a vida adulta, a ideia da segurança de um matrimônio e de uma vida estruturada, com menos sonhos e poesias; mais certezas e concretudes.

Entretanto, o narrador/personagem observa uma mudança nas atitudes, principalmente nas feições de Zilda. As lembranças da menina na infância o faziam trazer daquele tempo um quê de formosura e alegria no semblante de Zilda. Após as decepções dentro do vagão, ao se aproximar dela e iniciar uma conversa não condizente ao que se passava na memória do narrador, ele expõe a forma como a enxerga dentro do espaço fechado do trem:

Sua voz cantante, um pouco áspera e mesmo assim agradável, tornou-se pausada; o riso é menos vibrante; e os olhos, embora conservando o brilho antigo, já não possuem a mesma vida: de alegres que eram, têm agora um quê de melancólica serenidade. (LINS, 2003, p. 40).

A perspectiva espacial fica clara a partir do posicionamento, isto é, da relação de proximidade entre os dois, quando o narrador nos dá características que podem ser visualizadas apenas estando perto de quem é observado. Dalí, mirando olho no olho, ele consegue expressar, de modo subjetivo e sentimental, como as formas e a feição de Zilda mudaram, destacando os atos, o olhar e a tonalidade da voz. Tuan (1980) afirma que o sentimento que uma pessoa tem com a outra é importante no que diz respeito à definição da forma de distância entre seres humanos. A princípio, as formas pessoal e social são as mais evidentes. No trecho acima se encontram as duas: a pessoal, uma vez que os envolvidos na conversa dentro do trem, o narrador e Zilda, estão frente a frente, dialogando sobre as aventuras do passado; e social, pois usam um tom de voz acessível de forma que um ouça e entenda o outro perfeitamente. Porém, ele atém-se á voz pausada de Zilda, com isso bem mais pensada, e ao mesmo tempo em seu riso sem cor e os olhos sem o brilho de antes, ainda carregando certa beleza.

Ao fim e ao cabo, o narrador acaba acreditando que todas as lembranças que trouxera da infância, e que ainda carregava, eram apenas armazenadas na própria mente:

O tesouro que eu supunha comum, é unicamente meu – verifico. Apesar de haveremos vivido durante muito tempo as mesmas aventuras, cada um recolheu o que elas continham de si próprio. Evocá-las, jamais repetirá o milagre de fazer com que sejam um elo entre nós – se é que mesmo naquele tempo estivemos unidos algum dia. (LINS, 2003, 44).

Por um lado, o narrador/personagem conjectura sobre suas lembranças e vivências, pensando nelas como um tesouro pertencente aos dois. Imagina voltar a encontrá-la, um dia, para reviverem todos os sonhos possíveis. Mas, de fato, chega à conclusão de que não havia ligação nenhuma, além de repensar se um dia houvera qualquer sentimento em comum entre ambos.

Por outro ângulo, cabe lembrar, de acordo com Borges Filho (2007, p. 35), o espaço pode apresentar funções dentro da narrativa, sendo de suma importância dentro do texto literário, além de servir a variados propósitos. Sendo assim, a partir de tal ideia, pretendemos debater a estruturação do espaço do vagão.

O trem começa a se deslocar da estação onde os ex-amigos ou ex-namorados de infância se encontram. Não apenas a locomotiva em movimento vai deixando para trás as casas, a estação e a cidade, mas também ficam para trás, em um passado distante, os dias vividos e as histórias protagonizadas pelos dois. Nesse sentido, conforme afirma Borges Filho (2007), o espaço pode ser a projeção psicológica da personagem ou uma característica intrínseca da personagem ou de um estado momentâneo. Esse elo é formado quando surge à paisagem, no movimento entre o mundo fora do vagão, mas também ali dentro, numa dimensão que representa seus espaços íntimos e que convoca as memórias.

Nota-se, que o estado psicológico do narrador, naquele determinado momento, apresentava-se de forma bastante acentuada e melancólica. Ao passo que narra o conto, informa o leitor sobre a paisagem pela qual o trem passa e relembra passagens agradáveis e inocentes quando descreve o espaço percorrido:

Uma barreira pedregosa ergue-se aos lados do trem. Arestas lívidas se sucedem. Súbito, o panorama se abre. Descortinamos uma pastagem ampla, que se estende até o cume de um monte, ultrapassa-o. (LINS, 2003, p. 41-42).

Daí, compreendemos como o espaço é similar à relação entre o narrador e Zilda. Através dessa descrição, evidenciam-se barreiras e intempéries, caminhos diversos com arestas lívidas, pontudas. Igualmente, segue o percurso existencial dos dois. A visão abre-se para uma pastagem ampla, que, na verdade, esta é uma representação de distância, do abismo que os separam.

Segue a narrativa e, à medida que o trem vai se encaminhando, o narrador compreende pelo contexto da conversa a sequência de pensamentos de Zilda. O mesmo descobre que as lembranças contidas na mente dela não evocam, de forma alguma, sentimentos parecidos com os que ele ainda possuía. Isso, pois, na verdade, para Zilda, todos aqueles fatos eram apenas corriqueiros, coisas sem maior importância. “A princípio você corria na frente. Eu a perseguia. Lá no meio da subida, você se atirou ao chão e eu me estendi a seu lado” (LINS, 2003, p. 42). A ideia da perseguição permeia a narrativa até dentro do vagão de trem, isto porque, o narrador sempre segue, nem que seja na memória, os passos da amada. Como se vê em seu relato, estava disposto a qualquer coisa para ficar ao lado da amada e conta que, sem sequer hesitar, atirou-se ao lado da moça quando ela estava deitada ao chão, e ficaram, os dois, ali, estendidos no solo.

Porém, percebe-se que a disparidade é muito grande em relação à forma com que ambos percebiam o espaço que os cercava. “Vimos então uma fonte. — Um olho d’água. — Que seja. O importante é que eu bebi água em suas mãos e você nas minhas. — Água morna, salobra” (LINS, 2003, p. 42). As sensações expostas no excerto são diferentes. Ele considera o fato de terem se deitado juntos ao chão, cansados pela subida do morro, destacando, com carinho e afeição, a prática de beberem água nas mãos um do outro: ato de cumplicidade e, porque não, de amor. Já Zilda, mais centrada e racional, evoca lembranças, ao que parecem, desprovidas de sentimentalidade. Onde o narrador via uma fonte, a mesma via apenas um olho d’água. Podemos, portanto, afirmar que, se feita uma avaliação mais profunda dos vocábulos fonte e olho d’água, perceber-se-á que o sentido e o efeito se percepção apresentam-se distantes entre um e outro.

Após o reencontro, o narrador, entristecido e mais racional, põe-se a pensar que Zilda desde então não percebia a relação entre ambos assim como ele. A visão da moça a respeito da situação é imparcial e, em momento algum, é tocada por sentimento mais nobre. O mundo afetivo do narrador é muito distante do dela. Enquanto ele era tomado por emoção, a respectiva interlocutora posiciona-se pela ótica racional. Assim, o narrador chega à seguinte conclusão:



Somos, não resta dúvida, temperamentos díspares. Está visto que essas evocações não têm igual valor para nós. Ela tem uma visão imparcial do que lhe sucede na vida. Sua memória, demasiado fiel, não transmuda nem escolhe. E se esqueceu alguma coisa, não é por nenhum motivo. Esqueceu-a, apenas. (LINS, 2003, p. 42).

De tal modo, a memória dos tempos passados por parte do narrador/personagem apresenta-se de forma sentimental, enquanto as lembranças de Zilda são superficiais e imparciais. Porém, ele dedica à Zilda tamanho afeto que, notadamente, luta consigo mesmo ao longo da narração, tentando inocentá-la do fato de ter se esquecido dos momentos vividos no passado. Tanto que, de alguma forma, acredita que ela guarda as reminiscências sem grandes desejos, mas porque esse é o modo de ser inerente à personalidade dela.

### **Considerações Finais**

Com efeito, o texto de Osman Lins é recheado de espaços imaginados. O passado integra o ser da personagem, pois não deixa de acompanhá-lo, é matéria dinâmica da consciência, portanto torna-se motivação para as ações. O narrador/personagem traz à cena a força das vivências passadas, e com elas quer reinventar uma possível realidade no presente. Assim, a partir das lembranças pessoais, produz sentido para a própria vida.

Todas as memórias foram construídas através da participação de Zilda na época da infância. Portanto, foram estabelecidas em conjunto com outra pessoa, mas são lembradas individualmente e com tamanha intensidade. Esses rastros de outrora o acompanham e ainda estão presentes na vida da personagem.

No que se refere à ligação com o espaço, verifica-se que o narrador/personagem dá grande importância tanto aos locais ocupados no momento do encontro quanto à rememoração dos lugares por onde andaram na infância. Todavia, ao que parece, Zilda não se importa nem com espaços nem com as lembranças, nada disso lhe afeta emotivamente. Ela segue o caminho que julga seguro, como mulher que vive o presente, mas que olha em direção ao futuro a fim de realizar planos, como exemplifica seu casamento marcado. O passado não lhe representa apego, traz, tão-somente, simples recordações de quando era criança.

### **REFERÊNCIAS**

BORGES FILHO, Oziris. **Espaço e literatura**: introdução à toponálise/ Oziris Borges Filho – Franca, São Paulo, Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1. ed., 2ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2014.
- CANDIDO, Antonio. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- GENETTE, G. **Introduction à l'architexte**. Paris: Seuil, 1979.
- HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade**. 10ª edição. Rio de Janeiro, DP&A, 2005.
- LINS, Osman, 1924-1978. **Melhores contos de Osman Lins/ seleção e prefácio de Sandra Nitrini**. – São Paulo: Global, 2003.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. **Dicionário de Narratologia**, Coimbra, Almedina, 1980.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Difel, 1980.

Recebido em 15/03/2016  
Aprovado em 10/05/2016